

## Expediente

Teresina, 1 de maio de 2020

Este primeiro número referente ao segundo ano de existência da Revista *Caminhos da Educação* nasceu num momento excepcional. Todas as pessoas que respiram foram impactadas pela pandemia do novo Coronavírus. Parte deste trabalho foi realizado por pessoas que viviam uma inédita situação de quarentena. Agradecemos às autoras e autores que tornaram esse primeiro número de 2020 possível, com especial atenção à professora Cíntia Borges de Almeida, organizadora do dossiê *Representações de infância: discursos, narrativas e experiências educacionais*, o qual traz oito artigos sobre a temática. Além dos 8 artigos do dossiê temático, este número traz na seção Fluxo Contínuo o artigo *Significações de coordenadores pedagógicos acerca da formação contínua de professores: análise a partir da Psicologia Sócio-Histórica*, de autoria de Cristiane de Sousa Moura Teixeira; e uma entrevista exclusiva com o professor doutor Elizeu Clementino de Souza.

Longe das escolas, distantes dos pátios, sem recreio e sem a socialização com outras crianças, a quarentena também impactou os modos de ser criança no século XXI. Como será o amanhã? A única certeza que temos é que nada será como antes.

Para concluir, deixamos um convite à reflexão a partir do texto de Mariana Rocha, doutoranda em Educação da USP:

### Ensaio Pandêmico

Pensei em correr pro Brasil imediatamente, em voltar a beber só na quarentena, mas socialmente, a fumar apenas temporariamente, pensei até em ligar pro meu ex e dizer que no fundo, no fundo...

Pera! Não é bem assim!

Deixa eu recomeçar:

Ensaio Pandêmico

Quando o cotidiano caiu e o medo se instaurou eu me enchi de sorvete, comecei um série chinfrim de 5 temporadas, perdi o foco e perdi o passo. Perdi o tesão no trabalho. E como a aula era virtual foi fácil disfarçar as lágrimas que caíam junto com as minhas expectativas, meus planos e a dignidade humana.

Acho que eu perdi até a capacidade cognitiva. Não vejo mais sentido.

Peguei no volante totalmente absorta pelos meus pensamentos e não enxerguei a rua. Mal sei como cheguei em casa pra quarentena, que em

muitos países têm sido construída ou garantida como um direito ou mesmo como um dever, mas que no Brasil está sendo desenhada como privilégio.

Percebi o grau de poder dos governos e das fronteiras. E a expressão "nem aqui, nem na China" perdeu o sentido. E o controle que o governo liberal brasileiro tem na definição de critérios de quem faz o teste do COVID, deixando uma galera sem saber se está com a doença ou não ou se seu familiar morreu da doença ou não, é ironicamente centralizador e autoritário.

A barriga gelou e minhas mãos tremeram quando eu vi novas mensagens e manchetes chegando no celular. Faltou vocabulário pra xingar o filho da puta do Bolsonaro.

E eu pensei na Dona Luzia, que trabalha como diarista, no seu Zé, que vende doce na rua e no meu primo que aproveitou o isolamento como folga e postou foto tomando cerveja com os amigos no beco. Lembrei que talvez a notícia não faça sentido pra ele, tanto porque falta investimento na campanha de conscientização do perigo, como porque as informações sobre a pandemia chegam pelo mesmo veículo que pinta a quebrada onde ele mora como lugar de bandido sendo que não é.

A ciência passou longe, mas o caminhão encostou na viela e abasteceu o *buteco de breja*. A igreja também encostou e disse que protege e cura. Eu perdi o sono e quando dormi tive um pesadelo em que alguém me dizia: "Keep your spirit up". E essa fala me fez sentir péssima, pra baixo e incrivelmente fraca. Tentei até resgatar dentro de mim aquela parada de "você é uma guerreira".... que já me encheu o saco, porque me nega a possibilidade de sentir dor, mas não funcionou.

Surto.

E eu evitei pensar no futuro porque a evidência da vulnerabilidade humana na Terra e a maneira como as coisas mudam e podem mudar me levou a me perguntar se (um)a vida sem abraços valeria a pena. Esse texto mesmo, não vale a pena. Escrevi só pra dizer que está tudo tão assustador que eu pensei em voltar para o Brasil imediatamente, pensei em voltar a beber na quarentena, mas só socialmente, a fumar apenas temporariamente, pensei até a ligar pro meu ex e dizer:  
- Olha, no fundo, no fundo... agora parecem tão irrelevantes os problemas que a gente tinha com o PT.

*Mariana do Berimbau*